

CÂNDIDO JUCÁ (FILHO), O GRAMÁTICO*

José Rogério Fontenele Bessa
Univ. Federal do Ceará

Figura ímpar das letras brasileiras, contista, crítico literário, filólogo, ortógrafo e gramático, Cândido Jucá (filho) nasceu no Rio de Janeiro, no dia 2 de setembro de 1900 e, na mesma localidade, faleceu no dia 8 de maio de 1982.¹ Filho do professor cearense Cândido Jucá,² com estudos secundários no Ginásio Pio Americano, bacharel em Direito em 1919, ainda muito jovem, precisamente aos 17 anos, iniciou a sua carreira no magistério como auxiliar-de-ensino na Escola Quinze de Novembro. Onze anos depois, submeteu-se ao concurso para professor de Português das Escolas Técnicas Secundárias da Prefeitura do Distrito Federal, havendo sido lotado na Escola Visconde de Cairu, de onde saiu, em 1933, para exercer, também por mérito de concurso público, a cátedra de Português e Literatura do Instituto de Educação. Todavia, somente em 1950, conseguiu realizar seu sonho maior no que diz respeito ao magistério oficial: assumir, mediante concurso, a famosa cátedra de Português do Colégio Pedro II.³ Por último, fez parte da Faculdade de Filosofia de Valença, no Rio de Janeiro.

Lia e falava em várias línguas, entre as quais cumpre ressaltar o francês, o inglês, o alemão e o romeno. Pertenceu a várias entidades científicas, tais como a Academia Brasileira de Filologia, a Societé da Linguistique Romane, a Academia Carioca de Letras, o P.E.N. Clube do Brasil e a Casa dos Quixotes. A sua produção escrita é vastíssima e supera em número às de todos os seus contemporâneos, entre os anos de 1923 e 1968, publicou 196 trabalhos, incluindo-se, entre eles, artigos elaborados para jornais e revistas especializadas, as teses de concurso, as gramáticas, as obras referentes à Estilística e a produção literária.⁴ O trabalho mais antigo, publicado no Brasil, no âmbito da Estilística, é de sua autoria e se intitula *O Fator Psicológico na Evolução Sintática*, cuja 1. ed. data de 1933 e traz o subtítulo de "con-

* Transcrito da *Revista da Academia Cearense da Língua Portuguesa*, com autorização do Autor e a intervenção de Antônio José Chediak.

tribuição para uma Estilística Brasileira", subtítulo que, inexplicavelmente, não figura na 3ª ed. 1971, da Fundação Getúlio Vargas. Por essa razão, cremos não lhe fazer nenhum favor ao considerá-lo "pai da Estilística no Brasil", não obstante a ausência desta sua obra nas bibliografias de obras congêneres posteriores.⁵

Era nosso desejo, antes de nos manifestarmos sobre o patrono da cadeira nº 40 da Academia Cearense da Língua Portuguesa, ler e bem conhecer, ao menos, as suas principais obras, já que a curto prazo nos parecia impossível dominar, em profundidade, o copiosíssimo produto de sua intensa atividade intelectual. Quer-nos parecer que a leitura de *Grafia moderna* (1931), *O fator psicológico na evolução sintática* (1933), *Língua nacional* (1937), *A pronúncia brasileira para uso de estrangeiros* e *O pensamento e a expressão em Machado de Assis* (1939), a *Gramática brasileira do português contemporâneo* (1943), a *Gramática histórica do português contemporâneo* (1945) e *A gramática de José de Alencar* (1966) é suficiente para uma avaliação e valoração qualitativas da contribuição lingüística do autor às letras brasileiras. Ao atender, aqui e agora, à solicitação da Academia, ainda não nos sentimos capaz de proceder a esta avaliação, que ainda não perdemos de vista, pois que o nosso intuito é, num futuro próximo, demonstrar, por exemplo, a modernidade do pensamento lingüístico de Cândido Jucá (filho). A leitura exaustiva e profunda das obras que acabamos de mencionar permitir-nos-á não só ter acesso às linhas mestras de seu pensamento lingüístico, mas também detectar as questões relevantes que ele abordou, combateu ou defendeu ao longo de sua vida. Uma dessas questões é a da "língua brasileira", tema com o qual se ocupou, com muita proficiência, em *Língua nacional* e, a bem da verdade, esta era a faceta temática de seu pensamento lingüístico que hoje gostaríamos de aqui abordar, só não o fazendo porque a abordagem desta faceta temática implicaria a leitura da bibliografia relativamente extensa que sobre o tema se produziu em nosso País.⁶

Dada a impossibilidade de focar, em um único trabalho, a copiosíssima produção lingüística do autor, para já nele não considerar a sua produção literária, ocorreu-nos discorrer, neste primeiro momento, sobre as duas primeiras gramáticas acima referidas, deixando para outra oportunidade a consideração d'*A gramática de José de Alencar*, que, não obstante o título, é "gramática" de outra natureza, não nos parecendo justo, pois, apreciá-la com as demais.

Neste trabalho, todavia, relevaremos mais a *Gramática brasileira do português contemporâneo* que a *Gramática histórica do português contemporâneo* em virtude de sua maior originalidade e de suas qualidades intrínsecas. Dito isto, cabe indagar por que duas gramáticas de tanto valor, mas

certamente desconhecidas da quase totalidade do público brasileiro atual, não tiveram o mesmo sucesso editorial, por exemplo das gramáticas de Celso Ferreira da Cunha, da de Evanildo Bechara e da de Rocha Lima, para citar apenas as mais representativas da Língua Portuguesa, publicadas no Brasil. Sendo de estranhar este fato e como a *Gramática brasileira do português contemporâneo* é obra de inegáveis e extraordinários méritos, que não encontra similar entre as obras do gênero, houvessem por bem apreciá-las neste trabalho e conseqüentemente, enaltecer as qualidades de Cândido Jucá (filho) como gramático. Eis, portanto, aqui e assim definido o tema propriamente dito deste trabalho, para cujo desenvolvimento esperamos contar com a atenção paciente dos senhores, sem a qual não será possível o exercício conjunto desta reflexão crítica.

O termo *gramática*, como todos sabemos, é empregado em muitas acepções e por essa razão, acompanha-se quase sempre de designações adjetivas muito variadas. É evidente que esta variedade de designações epítéticas decorre, mais precisamente, das diferentes finalidades ou concepções que presidem à elaboração de obras deste gênero. Assim sendo, as gramáticas são, ora *descritivas*, ora *expositivas*, ora *filosóficas*, ora *metódicas*, ora *modernas*, ora *normativas*.⁷ Da lingüística, procedem os epítetos de *científica* e/ou *formal*, e *pedagógica* e/ou *prática*. A de Cândido Jucá (filho), no entanto, denomina-se *Gramática brasileira do português contemporâneo*. Por que é ela assim designada? Por que *brasileira* e por que *contemporâneo*?

Disfarçaria o adjetivo *brasileira* algum recôndito sentimento de lusofobia? Quanto a isso, podemos garantir que não, porque Cândido Jucá (filho), lúcido como sempre, foi um dos primeiros a enxergar nas diversidades do português europeu e do português americano aquela "superior unidade", a que Celso Ferreira da Cunha, em uma de suas melhores obras, algumas vezes se refere.⁸ Em "O problema da Dialectologia Brasileira", trabalho apêndiculado à *Gramática histórica do português contemporâneo*, Cândido Jucá (filho) aborda a distinção entre *língua* e *dialeto* como a chave para a compreensão do problema da Dialectologia brasileira, antecipando aí muitas soluções para a inteligência exata da deriva da Língua Portuguesa no Brasil. Para ele, "está na própria essência do conceito de língua a noção de pluralidade dentro da unidade" e, por isso mesmo, "o conceito de língua comporta fundamentalmente a noção de pluralidade de linguagens".⁹ Ao cabo de todas as considerações técnicas expendidas, o gramático conclui que a diferença entre o português europeu e o português americano é simplesmente de linguagem.

A demonstração de que o adjetivo *brasileira* não reflete qualquer sentimento de lusofobia não responde, de forma satisfatória, à nossa indagação

inicial. Voltemos, pois, a insistir na pergunta: "Por que *brasileira* e por que *contemporâneo*?" o primeiro adjetivo poderia denotar o fato de que os exemplos ilustrativos utilizados na gramática são todos de escritores brasileiros, e o segundo, o fato de que o gramático se serve apenas de obras de escritores de seu tempo. Todavia, estas hipóteses são falsas, porque: 1º) os exemplos atestados, ilustrativos das mais diferentes noções gramaticais, são, ora de escritores portugueses, ora de escritores brasileiros, não sendo raro encontrarem-se, em uma mesma página, exemplos de escritores dos dois lados do Atlântico; e 2º) os exemplos utilizados não pertencem a escritores brasileiros e portugueses do tempo do gramático, mas, ao contrário, são até muito díspares em perspectiva crônica. Em uma mesma página, convivem exemplos, ora de Castilho, Manuel de Melo, Camilo e Camões, ora de Machado e Sá de Miranda. Contudo, o adjetivo *contemporâneo* nos parece inteiramente defensável em virtude de as construções lingüísticas citadas permanecerem vivas e correntes na atual sincronia da língua. Além disso, convém observar que o gramático se serve também de provérbios e estes, convenhamos, não têm fronteiras nem de espaço nem de tempo.¹⁰ Já o adjetivo *brasileira* não encontra outra explicação, senão o fato de ter sido a gramática elaborada no Brasil por gramático brasileiro que, em nenhum momento, tenta impingir aos brasileiros a linguagem portuguesa. A reprodução de lanços de obras de escritores portugueses ao lado de lanços de obras de escritores brasileiros só pode ter tido como objetivo refletir a "superior unidade" da língua, que, como tal, sobrepuja qualquer sentimento nativista.

Feita esta reflexão sobre os termos do título da gramática, é hora de questionarmos a finalidade ou a concepção que presidiu à elaboração da *Gramática brasileira do português contemporâneo* e de verificarmos a sua organização, para daí procurarmos depreender-lhe as principais características em comparação com as de outros tipos de gramáticas particulares.

Sob esta linha de raciocínio, admitamos que uma gramática autenticamente *descritiva* seria aquela que tivesse por escopo descrever e classificar os fatos da língua. Na verdade, porém, as gramáticas da Língua Portuguesa assim denominadas não atingem este duplo objetivo. Elas são iguais, em plano e concepção, às gramáticas ditas *expositivas*, *filosóficas*, *metódicas* e *normativas*, pois que como estas partem sempre da teoria, para desta prescreverem modos cultos de dizer estranhos aos fatos atuais da língua. Neste particular, a *Gramática brasileira do português contemporâneo* é inteiramente diversa, pois que, em sua construção, o gramático optou pelo método indutivo, ou seja, preferiu partir dos fatos e destes deduzir a teoria gramatical programada, em termos oficiais, para as quatro séries do antigo Ginásio, descrevendo-a de forma suave, lenta e gradativa. Por isso mesmo, é ela, tanto quanto saibamos, uma gramática *sui generis*, pelo menos no Brasil,

possivelmente classificável como *pedagógica*. Investigar esta possibilidade é o que nos propomos a partir de agora.

A tarefa central da Lingüística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras é a conversão de uma gramática científica numa gramática pedagógica. Isto é, *mutatis mutandis*, o que afirmam os especialistas no assunto.¹¹ Por que, então, a conversão da primeira na segunda não haveria também de beneficiar o ensino das línguas nativas? Admitindo-se a extensão deste benefício às denominadas *línguas nativas*, cumpre-nos indagar o que seja uma *gramática pedagógica* ou que forma esta deve ter. Segundo SAPORTA, é uma gramática regida por princípios de aprendizagem, isto é, princípios não primariamente lingüísticos, mas de conteúdo estritamente lingüístico.¹² Todavia, a conclusão referente ao status pedagógico ou não-pedagógico depende fundamentalmente da distinção entre *gramática científica* e *gramática pedagógica*.

J.P.B. ALLEN, um dos editores de *The Edinburgh Course in Applied Linguistics* e autor do trabalho intitulado "Pedagogic grammar", que figura no terceiro volume do referido curso, estabelece a seguinte distinção:

Uma gramática científica diz respeito à especificação das propriedades formais da língua, ao "código" e não ao "uso do código". O autor de uma gramática científica objetiva dar uma explicação sistemática do conhecimento lingüístico idealizado ou competência, que subjaz ao uso atual da língua em situações sociais concretas. Uma gramática científica se baseia numa teoria formal da linguagem e dela se espera que atinja certos padrões de adequação descritiva. (...)

*Uma gramática pedagógica tem objetivos bem diferentes dos de uma gramática científica. O autor de uma gramática pedagógica não está, antes de tudo, interessado em dar uma explicação sistemática da competência idealizada do falante nativo, mas em prover um arcabouço relativamente informal de definições, diagramas, exercícios e regras verbalizadas que podem ajudar o aprendiz a adquirir conhecimento de uma língua e fluência nela.*¹³

Sob os aspectos ressaltados na distinção acima, a *Gramática brasileira do português contemporâneo* é pedagógica. Ela apresenta, de forma sistemática, definições informais de noções gramaticais e regras verbalizadas, e, sob denominações análogas, diagramas e exercícios. Os diagramas se denominam, ora *quadro*, ora *esquema* e os exercícios se chamam *aplicações*.

Estas, aliás, trazem, não raro, orientação para o professor, constituindo um bom exemplo, de saída, a destinada ao domínio prático da noção de oração:

*O mestre salientará que cada uma das seguintes orações é a expressão completa do fato que se enuncia, e indicará nelas sujeitos e predicados: salientará as orações sem sujeito, e aquelas que têm verbos ocultos (= elípticos).*¹⁴

Todavia, a gramática de Cândido Jucá (filho) não seria pedagógica à luz de certos requisitos que norteiam a construção deste tipo de gramática. ALLEN, no prosseguimento que dá à caracterização de uma gramática pedagógica, afirma que:

Em circunstâncias normais, o autor de uma gramática pedagógica recorre a uma gramática científica (usualmente a mais de uma) com a finalidade de apurar os fatos lingüísticos ou verificar as instituições que já tem. Depois de haver estabelecido uma base de fatos lingüísticos extraídos de uma ou mais gramáticas científicas, o próximo passo será converter as expressões lingüísticas formais naquele tipo de apresentação que o autor sabe, por experiência, ser o mais provável de promover aprendizagem rápida e eficiente no grupo particular de estudantes que tem em mente.

É evidente que no que concerne ao requisito de apelo a uma ou mais gramáticas científicas para a apuração de fatos lingüísticos relevantes e posterior construção de uma base para o ensino da língua, a *Gramática brasileira do português contemporâneo* não é ainda o que hoje se denomina *gramática pedagógica*.

Vimos, porém, ser a gramática em questão merecedora dessa designação pelo fato de apresentar definições informais de noções gramaticais, regras verbalizadas, diagramas e exercícios, mas não é apenas, sob estes aspectos, que ela merece a designação que ora lhe atribuímos. Há outros que a legitimam como uma autêntica gramática pedagógica. ALLEN, no já citado trabalho, acrescenta que:

*(...) ao planejar a apresentação, para sala de aula, de regras gramaticais, devemos ter em linha de conta muitos fatores – e.g., a idade dos estudantes, a habilidade do professor, os objetivos do curso – que são puramente pragmáticos e não mantêm nenhuma relação direta com o tipo de consideração envolvida na elaboração de gramáticas lingüísticas formais.*¹⁶

Neste particular, são palavras de Cândido Jucá (filho) no Prefácio à sua gramática:

Este livro não dispensa o professor -- desde que se destine a ginasiais que não hajam ultrapassado a idade mínima legal.

Aliás, decorre do próprio espírito da lei de ensino ora em vigor, que as noções gramaticais – ministradas embora em doses preestabelecidas – devem parecer ao aluno como que ensejadas pelo texto de leituras adequadas.

Não nos pareceu dever juntar a este trabalho nenhum exercício já formulado. Todavia, TODOS OS CAPÍTULOS ESTÃO ACOMPANHADOS DE "APLICAÇÕES", por onde se sugere a maneira como pode a matéria ser tratada, quando intente o professor sondar o aproveitamento do aluno.

Os exercícios, na opinião do autor, têm que ser adrede preparados, conforme o adiantamento médio da classe, e até na altura da idade mental dos alunos. Os exercícios organizados no gabinete de trabalho, para classes ideais, reduzem o ensino a um mecanismo estéril, que lembra aqueles tempos de antanho, em que saber uma disciplina era ter tido êxito na feitura dos temas do livro tal...¹⁷

Baseando-nos nestas palavras e ainda na constatação de que o autor as põe, efetivamente, em prática ao longo da gramática, podemos garantir que, na pior das hipóteses, ele levou em conta os fatores "idade dos estudantes" e "habilidade do professor", tendo como certo que o objetivo da gramática é tornar exequível o prescrito em lei, na época, no que concerne ao ensino da Língua Portuguesa no Ginásio.

Nada, na *Gramática brasileira do português contemporâneo*, é estéril. Tudo é muito ameno e agradável e nada deixa de ter a representação diagramática. A exposição de todas as noções gramaticais tem como ponto de partida os fatos da língua. Toda a teoria gramatical flui de modo muito informal e sempre ilustrada, ora por diagramas em que elementos constituintes oracionais mutuamente substituíveis são dispostos em colunas, ora por diagramas rotulados. A primeira ilustração diagramática em que elementos constituintes oracionais mutuamente substituíveis são dispostos em colunas destina-se a representar as noções de *sujeito* e *predicado*. Vejamo-la, então:

<i>aquele rapaz</i> <i>as lebres</i> <i>as lebres</i>	<i>matou</i> <i>foram mortas</i> <i>morreram</i> <i>neva</i> <i>não faz</i> <i>deu</i> <i>gosta muito</i>	<i>as lebres</i> <i>pelo rapaz</i> <i>calor</i> <i>boas notas</i>	<i>aos discípulos</i> <i>de flores</i> ¹⁸
---	---	--	---

A partir desta ilustração, Cândido Jucá (filho) dá uma demonstração de como se pode ensinar, de modo simples, a concordância verbal, tipos de verbos e de orações, devendo-se notar que as noções de *sujeito*, *predicado*, *objeto direto*, *objeto indireto* e *agente da passiva* não são, neste momento, salientadas, afastando o gramático a possibilidade de sentimentos negativos com relação às noções gramaticais. O que importa, no primeiro momento, é motivar os alunos, sendo bastante a só percepção da estruturação oracional em constituintes, cuja rotulação se dá em etapa posterior.

Encontrando-se os alunos já familiarizados com a estruturação oracional e já devidamente treinados no que tange à substituição de constituintes, aplicam-se, então, as denominações correspondentes às diferentes partes da oração, quando são utilizados os *diagramas* rotulados. O primeiro diagrama deste tipo é introduzido, para ilustrar o conceito de oração, servindo-se o autor dos mesmos exemplos, mas evitando excessos terminológicos. Note-se que, no diagrama abaixo reproduzido, evita os rótulos de objeto direto e objeto indireto, preferindo, no lugar destes, adotar a designação mais genérica de complemento:

SUJEITO	PREDICADO	OUTROS COMPLEMENTOS	
<i>aquele rapaz</i> <i>as lebres</i> <i>as lebres</i>	<i>matou</i> <i>foram mortas</i> <i>morreram</i> <i>neva</i> <i>não faz</i> <i>deu</i> <i>gosta muito</i>	<i>as lebres</i> <i>pelo rapaz</i> <i>calor</i> <i>boas notas</i>	<i>aos discípulos</i> <i>de flores</i> ¹⁹

Estes procedimentos metodológicos e os esquemas de chaves são consistentes e empregados ao longo de toda a gramática. Deles só encontramos um precedente, isolado e casual, no §602 da *Gramática Histórica*, de Eduardo Carlos Pereira,²⁰ podendo, no entanto, encontrarem-se outros precedentes em gramáticas que não são de nosso conhecimento. O que é de admirar é que o nosso gramático, não contando, como é quase certo, com uma prática metodológica deste tipo a servir-lhe de exemplo, possa ter utilizado diagramas só vistos em obras que seguem o modelo taxonômico de gramática.

Nos anos 40, época de publicação das duas gramáticas de Cândido Jucá (filho), os lingüistas do primeiro mundo nem sequer haviam cogitado o tipo de gramática destinado a preencher todos os requisitos de adequação descritiva, o que significa dizer que longe estávamos de uma descrição sistemática e consistente dos fatos da Língua Portuguesa. Inexistindo, por conseguinte, esta base científica, não pôde o nosso gramático contar com o referencial requerido e necessário à construção de uma gramática verdadeiramente pedagógica. Somente sob este aspecto não é ela pedagógica, pois que, quanto aos demais, não o deixa de ser, parecendo-nos surpreendente a utilização sistemática e consistente de procedimentos metodológicos próprios do modelo gramatical taxonômico.

Admitimos estar, na época, já concebido, consolidado e aplicado à Língua Inglesa o modelo taxonômico de gramática, mas nem mesmo este havia chegado ao Brasil nem muito menos sido aplicado, aqui ou alhures, à Língua Portuguesa. Assim sendo, a *Gramática brasileira do português contemporâneo* não poderia jamais refletir o conteúdo de uma gramática científica, mas, por isso mesmo, é ela surpreendente, porque a exposição de seu conteúdo semelha a apresentação do conteúdo de gramáticas pedagógicas baseadas no modelo taxonômico. Surpreende-nos, pois, esta coincidência, impossível sendo a correspondência entre ela e uma gramática científica.

Teria Cândido Jucá (filho) tido a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento da Lingüística norte-americana ou mesmo tido conhecimento de alguma gramática que constituísse a aplicação do modelo taxonômico a alguma língua ocidental moderna? Embora não tenhamos ainda condições de responder, com absoluta convicção, a estas indagações, inclinamo-nos a admitir que não, pois, ao percorrermos os trezentos e setenta e um títulos da Bibliografia apendiculada à sua *Gramática histórica do português contemporâneo*, não encontramos aí sequer os clássicos da Lingüística norte-americana que foram publicados nos anos 20 e 30. Mas uma coisa temos como certa: a familiaridade de Cândido Jucá (filho) com a Língua Espanhola, levando aqui em conta não apenas o fato de ele ser nela versátil, pois que nela

sabia ler e escrever muito bem, mas também a sua atualização com os estudos lingüísticos espanhóis. A sua familiaridade com este universo lingüístico-cultural era tanta que escreveu e publicou, em 1944, *El castellano contemporáneo*; gramática y texto para uso de los colegios brasileños.

Assim sendo, é claro que à Bibliografia apendiculada às duas gramáticas não poderiam faltar as obras célebres da literatura lingüística e gramatical da Língua Espanhola. Percorrendo-a, constatamos, entre seus títulos, o da notável *Gramática de la lengua castellana*, de Andrés Bello e o excelente trabalho denominado *La oración y sus partes*, do lingüista alemão Rodolfo Lenz, responsável, durante mais de vinte e cinco anos, pela cátedra de Lingüística Geral no Instituto Pedagógico do Chile. É claro que, de súbito, brotou em nós o interesse em consultar estas obras com a finalidade de descobrir se elas punham em prática metodologia idêntica, semelhante ou análoga à utilizada no modelo taxonômico de gramática e se haviam sido a grande fonte de inspiração de Cândido Jucá (filho).

Ao compulsar estes dois notáveis trabalhos, constatamos que os seus autores foram movidos sempre por intensa preocupação com a pedagogia e a "superior unidade" da Língua Espanhola. Em Bello, notamos certa preocupação pedagógica no que respeita à dosagem das noções gramaticais. No Prólogo, o extraordinário gramático venezuelano afirma:

É (...) uma preocupação bastante comum a que nos faz crer simples e fácil o estudo de uma língua, até o grau em que é necessário para falá-la e escrevê-la corretamente. Há, na gramática, muitos pontos que não são acessíveis à inteligência da primeira idade; por isso, julguei conveniente dividi-la em dois cursos, reduzido o primeiro às noções menos difíceis e mais indispensáveis, e extensivo o segundo àquelas partes do idioma que requerem um entendimento um pouco exercitado. Assinalei-os com tipo diverso e os incluí em um só tratado, não só para evitar repetições, mas também para proporcionar aos professores do primeiro curso o auxílio das explicações destinadas ao segundo, se alguma vez *delas necesitarem*. *Creio, além disso, que essas explicações não serão inteiramente inúteis aos principiantes, porque, à medida que se adiantem, irão desvanecendo-se gradualmente as dificuldades de entendimento que se ofereçam a eles. Por este meio, fica ao arbítrio dos professores acrescentar às lições do ensino primário tudo o que das do curso posterior lhes parecer oportuno, segundo a capacidade e o aproveitamento dos alunos.*²¹

Apesar desta expressa preocupação pedagógica, a gramática de Bello não é pedagógica. Não pode ela ser assim considerada, não obstante a lucidez e o bom senso lingüístico que levaram o seu autor a sobrepôr a unidade da Língua Espanhola a qualquer sentimento político e a distinguir entre *gramática geral* e *gramática particular*. Andrés Bello não define, de modo indireto, as diferentes classes de palavras, senão de modo direto. Salvo equívoco, somente ao tratar do verbo, parte de exemplos – a saber: "el niño aprende" e "los árboles crecen" – deixando, para último plano, a definição propriamente dita desta classe de palavras; adota aí, por conseguinte, o método indutivo, próprio de uma assumida postura pedagógica.

O que é notável é o gramático venezuelano partir de orações, para tratar do verbo, como se pretendesse demonstrar ser impossível uma compreensão desta classe de palavras, abordando-a isoladamente e fora de contexto, definindo-a de saída, classificando-a em seguida e impingindo depois a estéril e desaconselhável prática pedagógica de exposição do sistema de conjugação verbal espanhola. O método de abordagem gramatical, preconizado por Bello, que deve ter exercido benéfica e poderosa influência sobre o ensino e a elaboração de materiais instrucionais referentes à Língua Espanhola, deve também ter servido de modelo à construção de outras obras gramaticais, primeiramente em países de Língua Espanhola e depois em países em que se falam outras línguas. Não nos parece uma mera coincidência que a obra de Rodolfo Lenz se denomine precisamente *La oración y sus partes*. Na realidade, não o é, pois Lenz, ao conceder, em seu trabalho, destaque especial ao pensamento de Bello, ora citando-o, ora criticando-o, fornece uma soberba e inequívoca prova de que a gramática de Bello constituiu, como, de fato, ainda constitui uma obra de referência indispensável e obrigatória.

Cândido Jucá (filho) não só faz ambos figurarem em sua Bibliografia como também inicia a sua *Gramática brasileira do português contemporâneo* pela noção de oração, o que, para nós, constitui um indício da influência – até certo ponto relativa – das duas obras acima citadas sobre o pensamento do gramático brasileiro. Influência relativa e meras fontes de inspiração, porque as obras gramaticais de Andrés Bello e Rodolfo Lenz, comparadas à *Gramática brasileira do português contemporâneo*, são muito compactas e ainda muito teóricas, pois que nelas não se encontram exemplos sob a forma de diagramas nem exercícios, senão definições informais de noções gramaticais e regras verbalizadas, sendo que estas, tanto as definições quanto as regras, são fortuitas, o que vale dizer não ter sido o método indutivo por eles posto em prática de modo consistente e sistemático. Desse modo, ainda mais avultam os méritos de Cândido Jucá (filho) no que diz respeito à sua *Gramática brasileira do português contem-*

porâneo. Só lamentamos que a sua *Gramática histórica do português contemporâneo* não seja igualmente pedagógica. Todavia, o fato de esta não ser também pedagógica não lhe ofusca os inegáveis méritos e a relativa originalidade que ostenta, comparada a outras obras do mesmo gênero.

NOTAS

- * Palestra proferida, no dia 28 de junho de 1991, em reunião ordinária da Academia Cearense da Língua Portuguesa. Nossos agradecimentos a todos os que, com suas observações valiosas e pertinentes, contribuíram para o melhoramento deste trabalho e, de forma especial, aos Professores Francisco Tarcísio Cavalcante, Pedro Paulo de Sousa Montenegro e Rafael Sâncio de Azevedo por fundadas informações e empréstimo de livros para consulta.
1. Esta informação à data de falecimento de Cândido Jucá (filho) acha-se em: COUTINHO, Afrânio e SOUSA, J. Galante de, dirs. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro, OLA/FAE, 1989, v.2., p 757.
 2. O Professor cearense Cândido Jucá nasceu em 1886 e faleceu em 1929. Não deixou obras publicadas por razões que Cândido Jucá (filho) deu a conhecer em palestra proferida na Academia Brasileira de Filologia, no dia 3 de abril de 1965. Esta palestra foi publicada em: *Aspectos*; Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social, Fortaleza, 4: 55-71, 1972. Embora não tenha deixado obras publicadas, Cândido Jucá elaborou três discursos sobre o ensino da língua (1897, 1898 e 1899), o primeiro dos quais foi publicado na *Gazeta de Notícias* e os dois últimos no *Jornal do Comércio* (ambos na edição de 5 de dezembro). Produziu ainda os estudos intitulados "Questões do ensino" e o "Ensino da Língua Portuguesa", divulgados em maio e em junho de 1911 pelo *Correio da Manhã*. Todavia, Cândido Jucá (filho), a quem fizemos uma visita em dezembro de 1980, oportunidade em que dele obtivemos estas e outras informações, não soube precisar as edições, adiantando-nos apenas que o último foi também publicado na *Revista de Língua Portuguesa*.
 3. Cumpre-nos esclarecer que estes dados biográficos relativos à formação e às brilhantes conquistas de Cândido Jucá (filho) no âmbito da carreira do magistério apóiam-se nas informações biográficas que se lêem na capa posterior da 3ª ed. de *Ofato psicológico na evolução sintática*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

4. A informação acima referente ao total de trabalhos publicados por Cândido Jucá (filho) baseia-se no levantamento bibliográfico que acompanha a miscelânea organizada por Raimundo Barbadinho Neto. Cf. BARBADINHO NETO, Raimundo. *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)* Rio de Janeiro, Simões (s.d.) 255 p. A "Bibliografia de Cândido Jucá (filho)" se localiza nas p. 13-27.
5. Entre as obras congêneres de publicação posterior e em cujas respectivas bibliografias não se inclui a obra de Cândido Jucá (filho), mencionamos, por exemplo, as seguintes:
 - CÂMARA JR., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro, Simões, 1953.
 - BUENO, Silveira. *A estilística brasileira*. São Paulo, Saraiva, 1964.
 - MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
6. Em virtude da exigüidade de espaço, não nos é possível listar toda a bibliografia produzida em nosso País em torno da questão da "língua brasileira". Todavia, não podemos deixar de aqui mencionar estes dois fundamentalíssimos trabalhos:
 - ELIA, Sílvio. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1961. 180 p. (Biblioteca Científica Brasileira, Col. de Filologia, 4).
 - MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a "língua brasileira": seguida de "Alencar, cultor e artífice da língua"*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Educação / Departamento de Imprensa Oficial, 1972. 119 p. Tese de Livre-docência.O trabalho de Sílvio Elia condensa um apanhado histórico das polêmicas em torno da infrutífera questão da "língua brasileira" e nele o Autor conclui "pela 'unidade lingüística' entre Portugal e o Brasil" (cf. p. 173).
7. Para a caracterização adjetiva das gramáticas, levamos em conta apenas os títulos de algumas publicadas em Portugal e no Brasil. Além disso, cumpre-nos esclarecer que, entre as designações epítéticas acima mencionadas, não figura a de *histórica*, porque temos em vista ressaltar e questionar a denominação diferente que tem a *Gramática brasileira do português contemporâneo*, de Cândido Jucá (filho), em face de gramáticas comparáveis à dele no que respeita ao caráter não-histórico.
8. Cf. CUNHA, Celso Ferreira da. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 5ª ed. atual. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1975. 124p. (Col. Temas de todo tempo, 13).

Nesta obra, a expressão *superior unidade* aparece, por exemplo, nas p. 19, 75 e 82.

9. Cf. JUCÁ (filho), Cândido. *Gramática histórica do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, EPASA, 1945. 518 p. (Col. Biblioteca de ensino moderno). V. p.419.

Para o gramático, como logo veremos, a diferença entre o português europeu e o americano é de "linguagem" e este ponto de vista se coaduna com a opinião posterior de SILVA NETO, que, em um de seus trabalhos mais exemplares, refere-se à oposição entre linguagem portuguesa e linguagem brasileira. Cf. SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Presença; Brasília, INL, 1976. 237 p. (Col. Linguagem, 1). V., de modo especial, a p.87. Convém notar que a 1ª ed. desta obra de SILVA NETO é de 1950 e, portanto, posterior, de fato, às considerações de Cândido Jucá (filho), que, em muitos assuntos, a muitos se antecipou e até com certa originalidade. Enquanto o gramático por exemplo, refere-se, como vimos à "pluridade dentro da unidade", SILVA NETO emprega as expressões "diversidade na unidade" e "unidade na diversidade" (op. cit., p. 64), que não nos parecem sequer originárias de Portugal nem do Brasil, senão traduções de correspondentes expressões estrangeiras.

10. Os provérbios, com a toda a gama de variações – diatópicas, diastráticas e diafásicas – que comportam, são de todo tempo e, assim sendo, situam-se no plano da contemporaneidade. É neste sentido que com eles argumentamos, para demonstrar a defensabilidade do adjetivo *contemporâneo* no título da gramática. Cumpre-nos ainda observar que a utilização de provérbios não deve ser vista como uma inovação de Cândido Jucá (filho) nem como uma das novidades e originalidades da *Gramática brasileira do português contemporâneo*, senão como cumprimento de sugestões oficiais no tocante ao ensino da língua, que também foram postas em prática por gramáticos antecessores. No Prólogo da *Gramática expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, já na 56ª ed., em 1941, há referência à "lei da organização do ensino ginásial" e à "sugestão do programa oficial de português que determina a apreciação de trechos em que entrem provérbios, máximas e sentenças morais". A utilização de provérbios, máximas e sentenças morais satisfaz, como o próprio gramático esclarece no referido Prólogo, "o excelente princípio da pedagogia alemã: aguçar o intelecto e formar o caráter". Cf. PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. 56ª ed. adapt. à ortografia oficial por Laudelino Freire. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941, p. 11.

11. Veja-se a esse respeito o que nos diz um grande lingüista contemporâneo: *A central question in the application of linguistics to the teaching of foreign languages involves the conversion of a scientific grammar into a pedagogical grammar.*
Cf. SAPORTA, Sol. *Scientific grammars and pedagogical grammars.*
ALLEN, J. P. B. and CORDER, S. Pit, eds. *Readings in applied linguistics.* London, Oxford University Press, 1973 (*The Edinburg Course in applied linguistics.* v. 1, x + 284 p.) p. 265-74. O lanço acima reproduzido se localiza na p. 265.
12. Eis o que, em outras palavras, ainda o mesmo lingüista afirma: *What form the pedagogical grammar takes, whether drills or rules or some combination of the two, is presumably determined by some assumptions about the nature of learning in general, that is, by principles which are not primarily linguistic. On the other hand, the content of the grammar, that is, a specification of what is to be learned, is narrowly linguistic.* Id. *ibid.*, p.265.
13. São os seguintes os termos da distinção no texto original:
A scientific grammar is concerned with a specification of the formal properties of language, with the 'code' rather than 'use of the code'. The writer of a scientific grammar aims to give a systematic account of the idealized linguistic knowledge, or competence, which underlies the actual use of language in concrete social situations. A scientific grammar is based on a formal theory of language and it is expected to attain certain standards of descriptive adequacy; (...).
A pedagogic grammar has quite different aims from a scientific grammar. The writer of a pedagogic grammar is primarily concerned not to give a systematic account of a native speaker's idealized competence, but to provide a comparatively informal framework of definitions, diagrams, exercises and verbalized rules which may help a learner to acquire knowledge of language and fluency in its use. Cf. ALLEN, J.P.B. *Pedagogic grammar.* In: ALLEN, J.P.B. and CORDER, S. Pit. *Techniques in applied linguistics.* London, Oxford University Press, 1974. xv + 366 p. *The Edinburg Course in Applied Linguistics.* v. 3, p. 59-92. Quanto à localização do lanço citado, v. p. 59-60.
14. Cf. JUCÁ (filho), Cândido. *Gramática brasileira do português contemporâneo.* 2ª ed. corrigida e ampliada. Rio de Janeiro, EPASA, 1945. 400p. (Col. Biblioteca de ensino moderno, s/n) p. 15.
O conteúdo desta gramática se reparte, de forma equilibrada e de acordo com as instruções oficiais vigentes, nas quatro séries do antigo Ginásio e

o de cada uma destas em unidades programáticas, cujos conteúdos se apresentam no alto, abaixo dos respectivos títulos, sob a forma de ementa. Desse modo, a gramática se divide não propriamente em capítulos, mas em unidades programáticas, que enfeixam o que poderíamos denominar *capítulos*. Estes, por seu turno, subdividem-se em *subcapítulos*.

15. *In normal circumstances the writer of a pedagogic grammar turns to a scientific grammar (usually more than one) in order to ascertain the linguistic facts of to verify the intuitions that he already has. Once the writer has established a basis of linguistic facts drawn from one or more scientific grammars the next step is to convert the formal linguistic statements into that type of presentation which he knows from experience is most likely to promote quick and efficient learning in the particular group of students he has in mind. Cf. ALLEN, J.P.B. op. cit. acima, nota 13, p. 60.*
16. (...) *in devising a classroom presentation of grammatical rules we must take into account many factors – e.g., the age of the students, the skill of the teacher, the aims of the course – which are purely pragmatic and bear no direct relation to the type of consideration involved in the writing of formal linguistic grammars. Id. ibid., p. 60.*
17. V. JUCÁ (filho), Cândido, op. cit. acima nota 14. As páginas em que se localiza o Prefácio não são numeradas e, por isso, a referência, neste particular, é impossível.
18. Apud JUCÁ (filho), Cândido, op. cit. acima nota 14, p. 12.
19. Apud JUCÁ (filho), Cândido, op. cit. acima nota 14, p. 14.
20. O § 602 da gramática de Eduardo Carlos Pereira trata da relação de *posse*. Para ilustrá-la, serve-se o gramático de exemplos em que o possessivo é expresso por "dupla referência sintática", representando esta os elementos mutuamente substituíveis. Todavia, para uma idéia exata do que afirmamos, nada melhor que a reprodução dos próprios exemplos por ele utilizados. Vejamo-los, então:

meu	livro e meus	livros que pertencem	a mim
teu	livro e teus	livros que pertencem	a ti
seu	livro e seus	livros que pertencem	a ele ou a ela a eles ou a elas
nosso	livro e nossos	livros que pertencem	a nós
vosso	livro e vossos	livros que pertencem	a vós
seu	livro e seus	livros que pertencem	a ele ou a ela a eles ou a elas

Cf. PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica*. 9ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935. 592 p. (Col. Bibliotheca pedagogica brasileira, Série 2, Livros didacticos, 6) § 602. p. 426. A folha de rosto indica a 9ª ed., mas a capa, a 8ª.

Apesar de os elementos mutuamente substituíveis não serem, nos exemplos acima, separados por barras verticais, não se pode negar que se dispõem em colunas e que os exemplos assumem a feição dos *diagramas de preenchimento de lacunas*.

21. Es (...) una preocupación harto común la que nos hace creer llano y fácil el estudio de una lengua, hasta el grado en que es necesario para hablarla y escribirla correctamente. Hay en la gramática muchos puntos que no son accesibles a la inteligencia de la primera edad; y por eso he juzgado conveniente dividirla en dos cursos, reducido el primero a las nociones menos difíciles y más indispensables, y extensivo el segundo a aquellas partes del idioma que piden un entendimiento algo ejercitado. Los he señalado con diverso tipo y comprendido los dos en un solo tratado, no sólo para evitar repeticiones, sino para proporcionar a los profesores del primer curso el auxilio de las explicaciones destinadas al segundo, si alguna vez las necesitaren. Creo, además, que esas explicaciones no serán enteramente inútiles a los principiantes, porque, a medida que adelanten, se les irán desvaneciendo gradualmente las dificultades que para entenderlas se les ofrezcan. Por este medio queda también al arbitrio de los profesores el añadir a las lecciones de la enseñanza primaria todo aquello que de las del curso posterior les pareciere a propósito, según la capacidad y aprovechamiento de los alumnos.

Cf. BELLO, Andrés. *Gramática de la lengua castellana*. 5. ed. completa, esmeradamente revisada, corregida y aumentada con un prólogo y frecuentes observaciones de Niceto Alcalá-Zamora y Torre. Buenos Aires, Editorial Sopena Argentina SA., 1958, 384 p.

Notas a la Gramática de la lengua castellana, de Andrés Bello, por Rufino J. Cuervo, con observaciones de Niceto Alcalá-Zamora y Torres, p. 385-499 e Indices, p. 501-541.

O trecho, acima reproduzido, do Prólogo de Andrés Bello à sua Gramática se lê na p.21. Pareceram-nos necessários este esclarecimento e a localização, em destaque, do trecho reproduzido, porque a citada edição da Gramática traz ainda outro Prólogo, o da autoria de Niceto Alcalá-Zamora y Torres.
